

EVASÃO ESCOLAR NO PROEJA EM ADMINISTRAÇÃO

Eduardo Antônio Ferreira¹

Élcio das Graças Lacerda²

Luís Macari Júnior³

Marcus Vinícius Sandoval Paixão⁴

Sabrina Ramos Alves Mognhof⁵

RESUMO

Objetivou-se avaliar o índice de evasão da primeira turma do curso Técnico em Administração Integrado Proeja do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES - campus Venda Nova do Imigrante – ES, considerando o índice de evasão das outras duas turmas. Buscou-se evidenciar sob o olhar dos estudantes, professores e gestores o que acreditam ter colaborado para a diferenciação de evasão em relação às turmas. Foi feita uma discussão sobre a descontinuidade escolar que marca a vida de muitos indivíduos que acabam ficando às margens do sistema educacional, a intenção reparadora da EJA e a importância das adaptações entendendo a necessidade da garantia de uma educação de qualidade de acesso e permanência. Trata-se de uma pesquisa exploratória e quali-quantitativa, na qual a coleta de dados se deu através de questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicados aos estudantes, corpo docente e coordenadores. Constatou-se que se trata de uma turma heterogênea, com diferentes visões e experiências de vida, porém se ajudam e se consideram persistentes. A busca por qualificação e profissionalização é um dos principais motivos de estarem no curso. Os estudantes afirmam que os professores, coordenadores e pedagogos são importantes incentivadores para a permanência dos mesmos.

Palavras-chave: Acesso. Permanência. Educação.

ABSTRACT

Imed to evaluate the dropout rate of the first class of the technical course on integrated management *Proeja* the federal institute of education, science and technology of the Holy Spirit - IFES - campus Sale New Immigrants - ES, considering the dropout rate of the other two classes. We attempted to highlight under the eyes of students, teachers and administrators what they believe have contributed to the differentiation of circumvention of classes. A discussion of the school was taken discontinuity that marks the lives of many individuals who end up on the shores of the educational system, restorative intention of aye and the importance of adaptations understand the need of ensuring quality education access and retention. This is an exploratory and qualiquantitative study in which data collection was through questionnaires with open and closed questions applied to students, faculty and coordinators. It was found that this is a heterogeneous group with different views and experiences of life, but help themselves and are considered persistent. The quest for qualification and professionalization is a major reason they are on the course. The students say that teachers, engineers and educators are important motivators for their permanence.

Keywords: Access. Permanence. Education.

¹ Mestre em educação profissional, professor IFES. Contato: eduferreira@limainfo.com.br; ² Doutor em engenharia agrícola, professor IFES. Contato: elciodgl@hotmail.com; ³ Mestre em educação profissional, professor IFES. Contato: lmarcari@gmail.com; ⁴ Doutor em educação, professor IFES. Contato: mvspaixao@bol.com.br; ⁵ Pedagoga, Universidade Federal Do Espírito Santo. Contato: sabinarams@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos enfrenta grandes desafios no Brasil. Um deles é a dificuldade encontrada pelos estudantes de conciliar os estudos com o trabalho e a família além da proposta pedagógica que não condiz com essa realidade, onde às vezes existem profissionais sem qualificação para atender esse público, resultando na grande maioria na desistência do curso por parte dos estudantes, tornando-se assim, mais uma descontinuidade marcando a vida desses sujeitos que acabam outra vez ficando às margens da sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos é caracterizada como um espaço de complexidade, tensão e aprendizado, pois envolve diferentes experiências e vivências. Pensar na EJA, é trabalhar com a diversidade, ou seja, com as diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros, o que mostra a necessidade de planejamento e execução de diferentes propostas e encaminhamentos para efetivação da mesma.

Considerando a especificidade que há nessa modalidade da educação, é preciso pensar para além do acesso, a permanência, que tem a ver com a realidade em que se encontra, com a formação dos professores para lidar com o público, com as condições materiais para oferecer educação de qualidade, além de relacionar os conteúdos produzidos no ambiente educacional com o que existe na vida dos mesmos.

Dessa forma, a construção da Educação de Jovens e Adultos precisa superar um grande desafio que é o da sua reconfiguração de sua especificidade.

Um campo aberto a qualquer cultivo e sementeira será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras. Pode-se tornar um campo desprofissionalizado. De amadores, de campanhas e de apelos à boa vontade e à improvisação. Um olhar precipitado Rios dirá que talvez tenha sido esta uma das marcas da história da EJA: indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais e soluções conjunturais (ARROYO, 2005, P.19).

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11/2000 das Diretrizes nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a EJA não tem mais a função de suprir e de compensar a escolaridade. Desse modo, apresentam três funções para a mesma; a função reparadora, que corresponde não só a entrada no circuito dos direitos civis, pela restauração de um direito negado; a função equalizadora que visa garantir a reentrada ao sistema educacional dos que tiveram interrupção forçada pela repetência ou pela evasão geradas pelas desiguais oportunidades de permanência, ou outras condições adversas, através da redistribuição e alocação em vista de mais igualdade aos desfavorecidos que frente ao acesso e permanência devendo receber proporcionalmente maiores oportunidades que os outros, por fim a função qualificadora, que corresponde à tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida.

O EJA além de oportunizar jovens e adultos fora da faixa etária de escolaridade, a conclusão do estudo visa,

A perspectiva da relação EJA-trabalho, que retome o conceito de formação integral dos cidadãos e cidadãs na produção de sua existência,

no processo de transformação da natureza, enfrenta o reducionismo do que se convencionou chamar de mercado de trabalho. Não é possível continuar pensando que jovens e adultos devem exclusivamente se preparar para competir no atual desenho de ocupações definido pelo sistema capitalista, cada vez mais excludente (BRASIL, 2007, p.05).

Princípios que envolvem a Educação Profissional, pois nela o trabalho é tratado como princípio educativo, entendido como meio de criação do homem, no qual a partir dele produz cultura, ciência e tecnologia (FRIGOTTO, 2005, apud BECEVELLI, 2011).

O PROEJA traz em sua base uma educação integral do sujeito, se torna um caminho para uma formação que rompe com a dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual, proporcionando um ensino que garanta a emancipação do sujeito, tornando o participativo e consciente do seu papel de construtor da história. Para que esse tipo de educação não seja reprodutor de mais desigualdade social, é preciso que esta garanta acesso e permanência de qualidade, pois ainda observamos que apesar do direito adquirido à continuidade dos estudos aos jovens e adultos pelo EJA, através da Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº9394 de 1996 para a educação nacional, ainda não foi o suficiente para assegurar a eles uma educação que atenda às sua complexidade.

Desde que a EJA é EJA esses jovens e adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. São jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos, culturais. O nome genérico: educação de jovens e adultos, oculta essas identidades coletivas (ARROYO, 2005, P.29).

Portanto não basta propor um programa apenas como forma de investir o dinheiro público. Temos que pensar em ofertas que garantam a inclusão de alunos com perfil de EJA, a partir de um ensino que valorize conhecimentos que os mesmos trazem consigo de acordo com a sua experiência de vida. Com uma estruturação do projeto político pedagógico que garanta um ensino significativo, envolvendo profissionais capacitados numa formação continuada.

Exige-se, pois, uma intencionalidade política, acadêmica, profissional e pedagógica no sentido de colocar-nos na agenda escolar e docente, de pesquisa, de formação e de formulação de políticas, a necessidade de pensar, de idealizar e de arquitetar a construção dessa especificidade da EJA no conjunto das políticas públicas e na peculiaridade das políticas educativas. Constituir a educação de jovens e adultos como um campo de responsabilidade pública (ARROYO, 2005, p.22).

Na realidade em que nos encontramos muitas pessoas por alguma razão não tiveram a oportunidade de prosseguir com seus estudos na idade adequada e compatível com a política pública educacional. Muitas vezes devido às condições de vida e de necessidade de trabalho precoce, sua origem pobre, sua escolarização marcada por descontinuidades e por repetências.

Desta forma percebe-se a importância de um ensino que dê conta de amenizar esse fato negativo construído historicamente, que é a exclusão de uma grande parte da

população do ambiente educacional, por conta, muitas vezes, pela falta de qualidade no acesso e na permanência dos sujeitos envolvidos.

De acordo com a Declaração de Hamburgo em 1997 sobre a Educação de Jovens e Adultos, a mesma, centrada no ser humano e numa sociedade participativa, baseada no respeito integral dos direitos humanos,

Torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça (CONFINTEA, 1997, p.19).

Considerando que vivemos num modelo capitalista, devemos buscar uma educação que seja para a formação humana como um todo, com uma qualificação que seja para além de proporcionar um espaço no mercado de trabalho, seja uma qualificação que tenha como base uma formação integral do indivíduo. O PROEJA, tendo como base do ensino a integração do trabalho, da educação, da cultura, da ciência e tecnologia, como forma de desenvolvimento social e cultural, favorece condições necessárias para o exercício da cidadania. Entendem a educação como “processo de criação, de produção e de reapropriação da cultura e do conhecimento produzidos pela humanidade por meio do seu trabalho” (BRASIL, 2006, p.33).

Para tanto, é preciso uma proposta político-pedagógica específica que dê conta de atender as reais necessidades de todos os envolvidos, num diálogo constante, levando em consideração a realidade em questão. Além de profissionais qualificados através de uma formação continuada, mostrando compromisso com essa modalidade da educação, uma vez que,

[...] se a escola é parte inseparável da totalidade social – e é exatamente isso que me obrigada a reconhecer que ela é determinada pelos fatores econômicos amplos, então ela apresenta *internamente* as mesmas relações de mudança e de reprodução que caracterizam aquela totalidade. Isso significa dizer que agir dentro da escola é também agir na sociedade da qual ela não pode ser separada. (MELLO, 1982, apud GADOTTI e ROMÃO, 2007, p.76).

Objetivou-se analisarr o índice de evasão das três primeiras turmas do curso Técnico em Administração Integrado Proeja do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES - Campus Venda Nova do Imigrante – ES, analisando os motivos da evasão nas turmas pesquisadas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi do tipo exploratória e de caráter quali-quantitativo, que de acordo com Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998), usam uma variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados, na qual a entrevista em profundidade e a análise de

documentos são os mais utilizados, embora possam ser complementados por outras técnicas.

A pesquisa ocorreu no campus do Instituto Federal do Espírito Santo localizado no município de Venda Nova do Imigrante, mais precisamente com as três primeiras turmas de Técnico em Administração integrado PROEJA 2013.

Para tanto foi necessária a coleta de dados envolvendo a equipe pedagógica, os professores e os alunos. Utilizando Como instrumento, a entrevista semi-estruturada uma vez que as entrevistas,

[...] não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistador discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 33).

Para a realização da pesquisa com os estudantes, foi combinado um horário juntamente com a pedagogia com um dos professores que ofereceu o tempo de sua aula para a aplicação do questionário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois da seleção a primeira turma foi fechada com 40 estudantes, sendo composta por 14 do gênero masculino e 26 do gênero feminino, sendo que a maior parte era da faixa etária entre 18 - 25 anos.

A segunda turma foi fechada com 41 alunos, sendo 20 do gênero masculino e 21 do gênero feminino e a maioria na faixa etária entre 18 - 25 anos. Já a terceira turma, foi fechada com 44 alunos, 21 do gênero masculino e 23 do gênero feminino, e com a maioria na faixa etária entre 18 - 25 anos.

No momento da pesquisa, a primeira turma apresentou 25 estudantes, a segunda e a terceira turma apresentaram 18 e 19 alunos respectivamente. Observou-se que nas três turmas, a maioria reside na área urbana e tem um emprego formal (Tabela 1).

Tabela 1 - Número de alunos evadidos e frequentes nas três turmas do curso técnico integrado em administração do Proeja

Turma	Evadidos	%	Frequentando	%
1 ^a	15	32,5	25	67,5
2 ^a	23	56	18	44
3 ^a	25	56,8	19	43,2

Dados do autor

Ainda de acordo com o coordenador, “nos dois primeiros anos, na primeira turma todos os estudantes recebiam auxílio financeiro, só depois foi repensado”. Hoje a política de assistência estudantil no IFES não faz distinção entre os cursos, sendo assim o PROEJA é contemplado com as mesmas possibilidades. Logo recebem auxílios como financeiro, moradia, material didático, alimentação e outros auxílios que não envolvem repasse de dinheiro.

O menor índice de evasão da primeira turma recaiu principalmente nos quesitos: turma caracterizada como adulta, com visões diferentes e opiniões já formadas, tendem a não ceder em suas opiniões, todos são guerreiros.

De acordo com o olhar de cada um deles, caracterizam a relação da turma como sendo muito difícil no começo do curso, por conta da divisão de opiniões e de idade.

Sobre o que os levaram a não prosseguir com os estudos na idade considerada regular apresentaram como principais motivos a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar, a falta de oportunidade devido à distância da escola, os motivos financeiros, os motivos familiares e a falta de motivação.

Na opinião dos professores “várias são as dificuldades em relação à atuação no proeja, dentre elas se destacam, a heterogeneidade da turma, a contextualização de conteúdos relacionando com a experiência dos alunos, a falta de compromisso de alguns alunos e o desnivelamento da turma”.

Como um dos seus mais importantes desafios, a EJA deve se abrir para incorporar as “culturas juvenis”, compostas de conhecimento, atitudes, linguagem, códigos e valores, são desconhecidas ou vistas de forma desvalorizada pela cultura escolar e pelos currículos tradicionalmente oferecidos (ANDRADE, 2004).

Os professores destacam como recurso facilitador da aprendizagem dos alunos a relação da teoria com as situações do cotidiano. Isso porque de acordo com os professores “a vivência dos fatos torna mais palpável o conteúdo a ser aprendido” ou ainda “as atividades vivenciais de grupo quando elevam o tom da discussão e criam um fórum de debate construtivo, acabam fazendo com que o aluno veja, na prática, o que aquele assunto tem relação com suas atividades diárias”.

Em relação à motivação do estudante, os professores afirmam que, “devido à heterogeneidade apresentada na turma, há uma divisão, aqueles que se mostram interessados, são persistentes, tem vontade de terminar o curso, enquanto outros que não tem ambição e são indiferentes”. Devido o cansaço, acúmulo de matérias, ou mesmo se o que é estudado não estiver de acordo com a realidade dele. “Normalmente começam animados e motivados, mas durante o desenrolar das atividades e o acúmulo de matérias acaba refletindo na motivação” ou ainda que “Ele não pode estar motivado se o que é apresentado está distante do conhecimento dele”.

Freitas (2008) corrobora com as palavras dos professores quando cita que “é o trabalho material o elemento que garante a indissolubilidade entre teoria e prática social e exige interdisciplinaridade”.

Apesar do desnivelamento da turma, apresentada pelos professores como sendo o maior obstáculo, há um ponto positivo nesse fato, uma vez que favorece a troca de saberes, no qual um ajuda o outro. “Eles têm, muita persistência e vontade de terminar o curso, são muito receptivos às atividades propostas e às vezes alguns estão desanimados, mas percebo que se unem e um motiva o outro”.

Em relação ao papel do professor com a motivação do estudante, temos:

O professor deverá ter sempre um papel decisivo, mesmo que se resuma ao fornecimento de “incentivos motivantes”. Para isso, é necessário o professor atuar ativamente para melhorar a motivação do aluno, ao

mesmo tempo em que o ensina a pensar, como é importante saber ensinar a pensar, ao mesmo tempo em que se tenta melhorar a motivação para aprender. É desejável que o professor promova na sala de aula um ambiente afável, transmitindo ao aluno um sentimento de pertença, onde se sinta integrado e veja legitimadas as suas dúvidas e os seus pedidos de ajuda (RIBEIRO, 2011).

Quando questionado se os mesmos se sentem motivadores dos estudantes no processo de construção do conhecimento, somente dois professores responderam que não, em específico com a modalidade EJA, devido à falta de conhecimento sobre a realidade de cada um (Tabela 2). Os demais professores afirmam serem motivadores, por várias razões, como: “mostrando que se trata de uma modalidade que requer um esforço muito grande, por não apresentar qualquer experiência; porque tenta contemplar experiências pessoais com as profissionais; passando a importância daquilo que é trabalhado em sala ou mesmo mostrando que os estudantes são capazes, através de atividades desafiadoras, mas que são possíveis de realizar”.

Tabela 2 - Você se sente motivador do seu aluno no processo de construção do conhecimento

Resposta	(%)
Sim	77,77
Não	22,22

Dados do autor

Sobre a relação com os estudantes, alguns trazem algumas justificativas como: “mantenho uma relação de amizade (além de educador) buscando minimizar o distanciamento e facilitar o aprendizado”; “os estudantes são respeitosos com o professor e bastantes participativos na aula”; “gosto de saber o que cada aluno faz, onde trabalha, como é constituída sua família e como foi o processo até chegar no campus, pois isso faz com que adapte os conteúdos para cada realidade” (Tabela 3).

Tabela 3 - Como é sua relação com os alunos

Relação	%
Amizade	22,22
Boa	55,56
Muito boa	11,11
Ótima	11,11

Dados do autor

Dentre essas motivações, há também algumas queixas que a turma apresenta, de acordo com os professores, como: “muita matéria para estudar, cansaço, sono, muita exigência dos professores, curso muito teórico e extenso, a dificuldade de estágios, a falta de ligar o conteúdo com a vida concreta do aluno, falta de nivelção e de interdisciplinaridade”. Como podemos ver são queixas que vêm como reflexo do curso, ou seja, não foi repensando para atender essa modalidade da educação como foi afirmado pelos coordenadores do curso (Tabela 4).

Tabela 4 - Queixas dos alunos em relação ao curso

Resposta	%
Cansaço, sono	22,23
Muitas disciplinas e conteúdos para estudar e falta de nivelção	33,33
Não tem tempo para estudar	11,11
Exigência dos professores	11,11
Dificuldade de estágios	11,11
Falta de relação entre conteúdo e prática	11,11

Dados do autor

É necessário a politização do ato pedagógico que,

Numa perspectiva Freiriana, significa, nos planos de curso geralmente menos programas de série, levar em consideração, como elemento de entrada, o aluno, isto é, os códigos culturais e as necessidades específicas da clientela a que se dirige o ato pedagógico. Em segundo lugar, implica na contextualização desses códigos, no conjunto mais amplo das relações sócio- culturais (Gadotti e Romão, 2007, p.68)

Para Gadotti e Romão (2007, p. 69) a politização do ato pedagógico tem relação íntima com a questão da recuperação da funcionalidade escolar, ou seja, tudo o que é desenvolvido em sala de aula seja voltado o projeto de vida do aluno.

É a perda dessa funcionalidade que provoca a evasão, a repetência, o desinteresse, a apatia do alunado, mormente entre os jovens e adultos que trazem para as relações pedagógicas uma série de experiências, vivências e saberes construídos na luta cotidiana pela sobrevivência, sem falar da incorporação da ideia de que conteúdos e habilidades a serem adquiridos servem apenas para responder às avaliações propostas (GADOTTI e ROMÃO, 2007, p. 69).

Diante das dificuldades encontradas pelos professores, perguntado se o projeto de curso precisa de alguma reformulação, todos responderam que sim trazendo como questão principal para a reformulação do projeto de curso a adequação do mesmo para a vida do aluno da EJA. E que também não foi modificado para atender as turmas posteriores a essa.

[...] se em todas as aulas, sempre nos colocamos as questões para quem estou ensinando, por que planejei minha aula dessa forma e para que projeto de sociedade trabalho, tenho a certeza de que estaremos iniciando a grande revolução pedagógica que o juiz da história cobrará desta geração de educadores (GADOTTI e ROMÃO, 2007, p. 69).

A grande dificuldade enfrentada pelos coordenadores para a realização de seus trabalhos juntos aos alunos do curso Técnico de Administração integrado Proeja, é a falta de um projeto de curso voltado para a modalidade. O atual projeto de curso não atende às especificidades do público e a formação para toda a equipe. Segundo Andrade (2004) é preciso adotar estratégias pedagógicas e metodologias orientadas para a otimização da formação específica de professores e gestores responsáveis por esse modo de fazer educação, bem como construir uma nova institucionalidade nos sistemas de ensino.

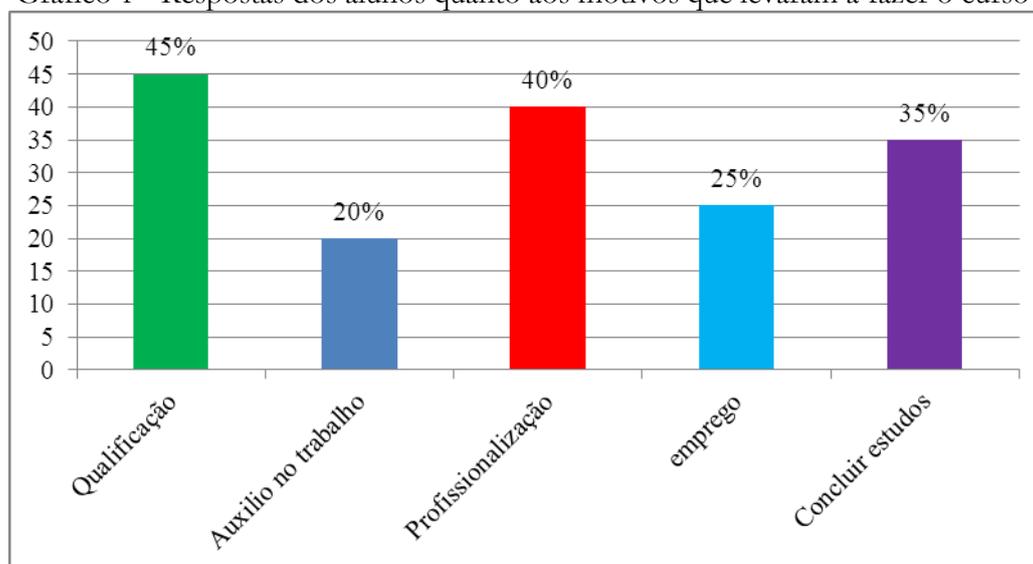
No que diz respeito aos motivos que levam à evasão dos alunos, como primeiro principal fator a dificuldade que o aluno encontra em acompanhar o curso e como segundo principal fator a falta de motivação.

Freire (2006) nos mostra a riqueza que há nas diferenças de cada sujeito, em relação às trocas de saberes. Dessa forma, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, mas todos se educam entre si e essa troca é mediada pelo mundo em volta,

O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (FREIRE, 2006 p. 68).

Alegando como principal interesse em relação ao curso à busca por qualificação e a profissionalização, observa-se no gráfico 1 a necessidade de qualificação e profissionalização é um fator relevante para a procura do curso. Possivelmente um dos fatores de permanência, uma vez que reconhecem a importância dos mesmos para tal inserção no mercado de trabalho.

Gráfico 1 - Respostas dos alunos quanto aos motivos que levaram a fazer o curso

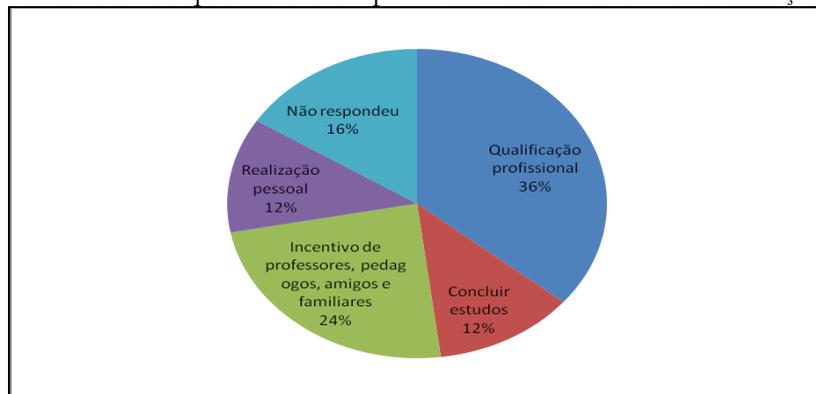


Dados do autor

Considerando a especificidade dessa modalidade da educação que é o PROEJA, a turma relata que as primeiras dificuldades em relação ao curso foram à falta de uma base de conhecimento condizente com o ensino em questão, o cansaço, a falta de qualificação dos profissionais para lidar com esse público, a conciliação entre trabalho, a família e o estudo, o baixo rendimento nas disciplinas, a falta de tempo para estudar e a dificuldade de relação com os colegas de turma. Fatores esses que fizeram a maioria quase desistirem do curso.

Dentre os motivos que os fizeram permanecerem no curso, relatam como principais fatores a persistência em enfrentar o desafio, a vontade de ter uma qualificação para o mercado de trabalho e para melhoria das condições financeiras com 36% das respostas, o incentivo da família, dos professores e da equipe pedagógica com 24% das respostas (Gráfico 2).

Gráfico 2 - O que motivou a permanecer no curso até a formação



Dados do autor

Os professores destacam como sendo de grande importância, devido aos diálogos, “o apoio e a flexibilidade em relação à forma de avaliação favorecendo um aprendizado significativo e despertando o interesse e a motivação dos alunos em seguir com os estudos”.

CONCLUSÃO

A exigência do mercado de trabalho é um fator que motivou os estudantes a continuarem com seus estudos e obter a qualificação necessária para poder se estabelecer no mercado. A diferença de idade na turma, as experiências de vida e de visões, proporcionaram o crescimento da turma, a qual todos se ajudaram e motivaram uns aos outros.

Apesar do pouco preparo dos professores para o atendimento desse público, observamos a preocupação dos mesmos junto com os pedagogos, com a qualidade de ensino e o aprendizado dos estudantes, tornando um importante incentivador, através da relação que fazem entre a teoria e o que é de vivência dos mesmos, caracterizando-se como um dos principais motivos do prosseguimento dos alunos até o final do curso.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNA, J. F. O método nas ciências naturais e sociais. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRADE, E. R. Os sujeitos educando da EJA. In salto para o futuro [on-line], 2004. www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/eja/tetxt3.htm - 21k. Data de acesso: Dez/2013.

ARROYO, M.G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BECEVELLI, I. R. S. Educação e inclusão e a relação trabalho, cultura, ciência e tecnologia. Diálogos sobre a educação profissional e tecnológica: saberes, metodologia e práticas pedagógicas, Colatina: IFES, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento Base PROEJA. Brasília, 2006. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf> acesso: Dez/2013.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação profissional e tecnológica. Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos. Educação profissional técnica de nível médio/ ensino médio. Documento base. Brasília, 2007.

BRASIL. Conselho nacional de educação. Parecer N.º. 11/2000 - CEB -Aprovado em 10 de maio de 2000.

CONFITEA. Conferência Internacional sobre Educação de Adultos. Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília: SESI/UNESCO, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, L. C. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2008.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. Educação de Jovens e Adultos. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. Pesquisa em educação, abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

RIBEIRO, F. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. Profforma. N.3, 2011.